

Um estudo comparado sob a perspectiva da mudança do narrador entre o romance "O continente I", de Érico Veríssimo e a narrativa fílmica "O tempo e o vento", de Jayme Monjardim¹

A comparative study from the perspective of the narrator changes from the novel "O continente I" by Erico Verissimo and the film narrative "O tempo e o vento," Jayme Monjardim

Nathan Bastos de Souza (UFSCar)²

Resumo: Este ensaio busca estudar comparativamente a perspectiva da mudança de narrador entre o romance de Érico Veríssimo "O continente I" e a narrativa fílmica "O tempo e o vento", de Jaime Monjardim. Para tanto, recolhemos alguns trechos que indiciam que o romance sugere a interpretação dada pelo diretor do filme, isto é, que Bibiana é uma potencial onipresença. Assim, podemos afirmar que de um narrador onipresente para um narrador personagem, respeitando as especificidades de cada obra, os sentidos de cada discurso muda, mas permanece, ainda que com ar novelesco, o tom de grandeza que a obra de Veríssimo exige.

Palavras-chave: Literatura comparada; Literatura Brasileira; Érico Veríssimo; Discurso fílmico.

Abstract: This essay seeks to comparatively study the prospect of changing between narrator Erico Verissimo's novel "O continente I" and the film narrative "O tempo e o vento", Jaime Monjardim. To this end, we collect some passages that suggest that the novel suggests the interpretation given by the director of the film, that is, Bibiana is a potential ubiquity. Thus, we can say that a ubiquitous narrator for a narrator character, respecting the specificities of each work, the senses of every speech changes, but remains, albeit with fictional air, the tone of magnitude as the work requires Verissimo.

Keywords: Comparative Literature; Brazilian literature; Erico Verissimo; Film discourse.

1. INTRODUÇÃO

Como o tempo custa a passar quando a gente espera! Principalmente quando venta.

* Ensaio produzido durante a disciplina de "Estudos Comparatistas", durante o primeiro semestre letivo de 2014, na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), sob a orientação da Profa. Dr. Miriam Denise Kelm, a quem agradeço a presteza com a leitura e o cuidado com meu texto. Também, agradeço à colega de estudos Nara Oliveira, pela leitura instigante que fez/faz de meus textos, em especial a este pelas contribuições.

² Graduado em Letras (port./esp.) pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (PPGL/UFSCar). É membro do Grupo de Estudos Bakhtinianos do Pampa (GEBAP/UNIPAMPA). [E-mail: nathanbastos600@gmail.com](mailto:nathanbastos600@gmail.com)

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 2 (2015)

Parece que o vento maneia o tempo.

Érico Veríssimo.

“O Continente vol. 1”, primeiro volume da obra prima de Érico Veríssimo, “O tempo e o vento”³, é um dos objetos de estudo do ensaio que tentarei fazer nas breves páginas que seguem. Comparamos o romance com a adaptação cinematográfica que leva o nome da trilogia, “O tempo e o vento”, que foi dirigida por Jayme Monjardim e estreou em 2013 nos cinemas. Para efeitos da comparação, trabalharemos com alguns dados sobre uma obra e outra (romance e filme) a fim de constatar alguns dos aspectos comparativos entre elas.

Adiantamos que o filme foi lançado em uma época festiva no Rio Grande do Sul e a hipótese de leitura que defendemos durante o texto – a de que Bibiana é uma quase onipresença no texto literário, o que daria ensejo para sua transformação em narradora personagem – tem suas consequências e adere muito bem a este projeto de discurso: a semana farroupilha é o momento em que o modelo de gaúcho, do herói farroupilha, do qual o Cap. Rodrigo é exemplar, é exaltado. Mudar do narrador onisciente para o narrador personagem e escolher justamente a viúva apaixonada para fazê-lo traz em si a consequência de mascarar falhas de Cap. Rodrigo. Apesar de algumas críticas com as quais concordamos – e apresentamos aqui – consideramos o filme uma adaptação muito bem projetada e digna dos ares de grandeza que Veríssimo demanda.

Outrossim, nos parece que, pelas buscas que fizemos na internet, não existe nenhum autor que tenha chegado a estas questões, para discutir as potencialidades da mudança de narrador e que rastreasse essas pistas que o texto literário apresentava e que sugerem a leitura de Monjardim. Na seção seguinte apresentamos o cerne desta comparação: colocamos em diálogo as duas mídias, buscando fragmentos de ambas materialidades para confirmar a hipótese que adiantamos acima. Ao final apresentamos algumas considerações a respeito da comparação.

³ Publicado em 1949, o primeiro volume de “O Continente” é a abertura da obra prima que foi seccionada em três romances: “O Continente”, “O Retrato” e “O Arquipélago” – os dois primeiros possuem dois volumes, enquanto o terceiro foi dividido em três.

2. DA COMPARAÇÃO ENTRE O ROMANCE E A NARRATIVA FÍLMICA

Primeiramente, adotamos algumas afirmações do acervo crítico que a obra de Érico Veríssimo possui⁴. Candido e Castello (2006) afirmam que “O tempo e o vento” é uma obra cíclica, de proporções verdadeiramente épicas. Especificamente sobre “O continente”, os autores afirmam que “apresenta um grandioso painel do homem e da paisagem do Rio Grande do Sul” (p. 369); Além de, em uma visão global, constituir-se de

[...] sucessivas visões parciais, ou limitadas no tempo e no espaço, de forma que a obra verdadeiramente é uma aglutinação de novelas, entremeadas de cantos de certo sabor poético, impregnadas de elementos folclóricos e referências populares (CANDIDO e CASTELLO, 2006, p.369).

Bosi (2006), por seu turno, está de acordo com a afirmação de que “O tempo e o vento” é um ciclo épico. Ademais, segundo este autor, a obra de Veríssimo pode ser dividida em dois momentos decisivos: uma primeira fase, em que a concepção e recorte da realidade são sincrônicos em seus escritos - aqui estão os primeiros romances do autor – e a segunda fase é marcada pela mudança de perspectiva para a vastidão do painel diacrônico de “O tempo e o vento”. Segundo Bosi (2006), o contraponto serve para apresentar o jogo de gerações (portugueses e castelhanos; farrapos e imperiais; maragatos e florianistas) e a história de duas famílias, os Terra Cambará e os Amaral, que, durante dois séculos se embatem, levando uma vida perigosa. O fio romanescos que “une os episódios do ciclo e embasa as manifestações de orgulho, de ódio, de amor e de fidelidade; paixões que assumem uma dimensão transindividual e fundem-se na história maior da comunidade” (BOSI, 2006, p. 436).

A respeito das questões da literatura comparada, aproximar o filme produzido com a obra que serviu de base é uma de suas preocupações mais atuais. Um estudo comparatista é como uma

[...] arte metódica, pela busca de laços de analogia, de parentesco e de influência, de aproximar a literatura dos outros domínios da expressão ou do conhecimento, ou os fatos e os textos literários entre si, distantes ou não no tempo ou no espaço [...] uma literatura que é uma das manifestações específicas da atividade espiritual do homem, no mesmo

⁴ Escolho iniciar pelo romance já que o filme é baseado nele e não o contrário.

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 2 (2015)

patamar em que a arte, a religião e a ação política ou social [...] a fim de melhor compreender a literatura como função específica do espírito humano. (COUTINHO e CARVALHAL, 2011, p 231 - 233).

A crítica sobre o filme pode-se dizer que é pequena se comparada com o romance. Encontram-se disponíveis na internet algumas resenhas de autores que viram o filme e produziram seus julgamentos, bem cruéis em alguns casos, sobre a adaptação de Monjardim. Utilizo três resenhas. Eleonora de Lucena afirma: “Monjardim fez um filme com belas paisagens. Os problemas aparecem ao condensar 150 anos de história: os personagens ficam esquemáticos e perdem densidade”⁵. Monique de Queiroz coloca sua opinião:

O filme começa tentando demais. [...] Esses enquadramentos diferenciados, quando bem posicionados na história, traz (sic) uma identidade para a estética que é constante no decorrer do filme. Porém, quando mal posicionados, acaba distanciando o espectador da história que está sendo contada. É o que ocorre aqui, ao invés de seguir a primeira proposta apresentada, o diretor, **Jayme Monjardim** volta às suas origens telenovelísticas e o vai e vem de *c/oses* começa a acompanhar o diálogo. Essa quebra acaba afetando a relação do filme com o público⁶.

Tiago Canavarros tem um ponto de vista mais problematizador:

A transposição da literatura em imagem é personificada pelo excelente elenco [...]. Com a narrativa sintetizada, justamente este (Ana Terra) e outros tantos personagens interessantes acabam por sucumbir, quando se começa a se apegar a eles, a trama segue, perdendo a identificação com o público⁷.

Apesar destas posições dos críticos de cinema, não encontramos nenhuma em que se questionasse o sentido da mudança de narrador, do romance para o filme⁸. Esta é uma questão importante, nos parece. A hipótese que pretendemos defender é que a velha Bibiana, no filme, assume o papel de narradora da saga dos Terra Cambará porque o romance dá pistas da quase onipresença da personagem durante os capítulos. Com vistas a tal questão, empreendemos uma leitura minuciosa do romance e assistimos ao filme observando cada detalhe da relação da velha Bibiana com a narrativa e assim

⁵ Ver referências.

⁶ Ver referências.

⁷ Ver referências.

⁸ Em uma busca rápida na internet não encontramos, note-se que o ensaio foi escrito em 2014 e aguardava desde então a avaliação. É possível que haja algo, quem sabe posterior, no entanto, este ensaio é baseado apenas no que lemos e que está referido ao final do trabalho.

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 2 (2015)

apresentamos fragmentos do texto literário e de cenas transcritas do filme que nos ajudam a discutir a hipótese que levantamos.

Contudo, primeiramente, nos reportamos aos estudos sobre a narrativa fílmica, na perspectiva de Reis e Lopes (1996). Para os autores há uma correspondência funcional muito óbvia quando se aproximam o discurso literário e o discurso fílmico: o narrador literário e o realizador cinematográfico. Estas duas instâncias que direcionam de um lado o leitor e de outro o espectador, são muito importantes no que tange aos sentidos que os textos (literário ou fílmico) produzem. Assim, iniciamos nossa comparação, respeitando as especificidades de cada obra.

A narrativa fílmica de Jayme Monjardim inicia e termina com, respectivamente, a entrada e a saída do Capitão Cambará em seu cavalo. O entardecer nos pampas é o pano de fundo em ambos os casos. Somente estes dados já são reveladores das intenções do diretor, portanto, podemos notar um caráter bem épico, ao gosto que a obra de Érico Veríssimo merece, de acordo com a crítica literária (BOSI, 2006; CANDIDO, CASTELLO, 2006). A solidão da velhice de Bibiana é um aspecto que pode nos revelar alguns motivos da troca de um narrador onisciente para a perspectiva de uma narradora personagem. O primeiro indício que nos apresenta Veríssimo é que a velha, já em meio à “cerração do esquecimento”, utilizando a metáfora do autor, tem momentos de devaneio:

D. Bibiana se balouça na sua cadeira. Há momentos em que não se lembra de nada. Na sua cabeça há apenas uma cerração. Ouve ruídos, vozes, engole os mingaus que lhe dão, deixa-se levar para a cama – mas às vezes, não sabe quem é nem onde está. Noutros momentos, porém, volta-lhe tudo. E na noite escura da catarata ela vê faces, vultos, cenas. De vez em quando, lá de longe ela ouve uma voz: “Bibiaaana!” É o cap. Rodrigo que entra como um tufão, arrastando as esporas no soalho (VERÍSSIMO, 1979, p.19).

Isto aponta-nos um dos ganchos que o diretor do filme apanhou do romance. A mudança da perspectiva narrativa soa como uma busca por companhia, de uma anciã viúva em meio a uma guerra civil. A personagem idosa tem a sensação de receber em seu quarto o marido falecido há anos e com ele reconstitui a saga de sua família. A catarata tomou ambos os olhos, mas sua memória ainda que deturpada, às vezes por lapsos, está lá. Seguindo a perspectiva de Bibiana, no romance, sua introdução é assim:

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 2 (2015)

Sozinha no seu quarto, sentada na sua cadeira de balanço, e enrolada no seu xale, a velha Bibiana espera... O quarto está escuro, mas para ela nestes últimos anos sempre, sempre é noite, pois a catarata já lhe tomou conta de ambos os olhos (VERÍSSIMO, 1979, p.18).

Esperar. Um verbo que conforme a avó de Bibiana, Ana Terra, é um dos destinos das mulheres da família. Fiar, chorar e esperar. Uma vida fadada às três atividades. Na cegueira da catarata a velha espera... Espera o quê? Fica a pergunta. Logo na apresentação da personagem Veríssimo deixa essa lacuna ao leitor, mais tarde se pode entender que Bibiana, como sua avó Ana, esperam que o tempo passe. Entretanto, essa espera da idosa pode significar o fim da guerra, o nascimento na bisneta, a própria morte, entre outros sentidos. O diretor prefere reforçar o aspecto amoroso da trama, colocando na primeira cena em que Bibiana aparece, um encontro dela, já envelhecida e deitada em sua cama, com o marido morto em combate com os Amaral, há mais de cinquenta anos, o Cap. Rodrigo Cambará ressurgue como morreu e acorda a “sua prenda” com o mesmo amor de anos antes. Esse aspecto, de reforçar o amor, é que permite alguns dos resenhistas adotarem a posição de que o diretor é novelista e transpôs isto no filme. A espera de Bibiana é acompanhada de um barulho, que ela mesma produz com a cadeira:

A velha Bibiana gosta do barulho da cadeira nas tábuas do soalho. É como uma voz, uma companhia. Lembra-lhe outros tempos, outras largas esperas. Estas batidas surdas e o uivo do vento, e o matraquear das vidraças, e o tempo passando... (VERÍSSIMO, 1979, p.19).

A interpretação do diretor, embora romantizada, vai se firmando: esperar o amor ou a morte para encontrá-lo. O barulho se assemelha a uma voz, a uma companhia. E aí o diretor coloca como companhia o próprio Cap. Rodrigo, que retorna para tornar o resto de vida da amada um pouco menos solitária. O tempo escorre vagorosamente, ainda mais devagar quando venta, já dizia Ana Terra, e a companhia de Rodrigo diminui o penar da senhora em seus últimos momentos de vida. A história – de amor, como o diretor fez questão que Fernanda Montenegro⁹ enunciasse - que a velha Bibiana narra em companhia de Rodrigo é aquela “aglutinação de novelas”, no dizer de Candido e Castello

⁹ Atriz que interpreta Bibiana na velhice.

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 2 (2015)

(2006); ou a amarra dos “episódios do ciclo”, nos termo de Bosi (2006). Ou seja, para tornar a narrativa fílmica mais próxima do espectador, Monjardim utilizou a mudança de narrador para que houvesse uma voz que se prestasse a unir as pontas das microhistórias ali contidas. O romance sugere que essa voz seja de Bibiana, já que ela é, como queremos afirmar, uma quase onipresença nos capítulos da obra¹⁰.

No dia de Finados, um tempo após a morte de Rodrigo, Bibiana ainda jovem foi ao cemitério de Santa Fé visitar o túmulo do marido, levando as crianças; lá, enquanto os filhos brincavam, ela pensava. O narrador do romance nos dá as seguintes descrições:

Mas no fundo achava que luto era uma bobagem. Afinal de contas para ela o marido estava e estará sempre vivo. Homens como ele não morriam nunca.
 Ergueu Leonor nos braços, segurou a mão de Bolívar, lançou um último olhar para a sepultura de Rodrigo e achou que afinal de contas tudo estava bem.
 Podiam dizer o que quisessem, mas a verdade era que o Cap. Cambará tinha voltado para casa (VERÍSSIMO, 1979, p.309).

O “voltar para casa” que afirma esse narrador é um dos desejos de Bibiana, ter o esposo por perto. Ainda que morto, estava por perto. E nesse aspecto, novamente em comparação com o filme, a cena inicial do (re) encontro do casal é ilustrativa¹¹:

Cap.Rodrigo: (toca as mãos da senhora que dorme) - Bibiana.
Bibiana: (abrindo os olhos, vagorosamente, esboça um sorriso que se reflete no rosto de Rodrigo) - Rodrigo... (com ar cansado).
Cap.Rodrigo: - Não me esperava minha prenda?
 [...]
Bibiana: - Olhe pra mim... Uma velha... (leva a mão ao rosto) se eu soubesse que vosmecê vinha...
Cap.Rodrigo: - Sou eu, o mesmo de antes. O mesmo que se bateu com o mundo para casar com vosmecê...
Bibiana: (esboça felicidade) Faz tantos anos... tantos anos... pensei que vosmecê não vinha mais.
Cap.Rodrigo: mas tudo tem a sua hora.
Bibiana: (suspira fundo, abraça o marido).

É possível afirmar, tendo como base a citação do romance e o trecho transcrito do filme, que, para Bibiana, a morte de Rodrigo apenas os tornou fisicamente separados.

¹⁰ Apresentamos a seguir mais alguns argumentos que sustentam tal afirmativa.

¹¹ Transcrevemos a cena, com fidelidade às falas do filme. Adicionamos entre parênteses informações de movimento das personagens. Os colchetes indicam uma omissão.

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 2 (2015)

Para ela, Rodrigo continuava vivo, pois, homens como aquele nunca morrem, o narrador do romance afirma. Tantos anos depois da morte, no filme, o espírito de Rodrigo volta e encontra a mulher que somente fez esperar. Antes de iniciar sua reconstituição da estirpe Terra Cambará, Bibiana fará um discurso importante:

Bibiana: Calma, agora eu preciso esperar.... esperar, esperar foi uma coisa que eu aprendi na minha vida. E vosmecê sabe que um Terra Cambará nunca se entrega.

Cap. Rodrigo: Um Cambará macho não se entrega nem depois de morto.

Assim, mesmo depois de morto Rodrigo retorna ao seu lugar. Regressa para a “sua prenda”. Essa primeira parte do filme é uma espécie de apresentação. Depois, uma narrativa paralela inicia, e a voz da velha Bibiana é uma linha mestra entre as imagens e as histórias.

Agora, tomando por base o romance; dentre os sete capítulos da obra, Bibiana assim é apresentada: no primeiro, como está exposto nas primeiras três citações do romance de Veríssimo, ela é uma senhora solitária. O capítulo 2 – A fonte – é o único em que Bibiana não aparece, na obra. Entretanto, sua relação com Ana Terra a faz saber de toda a história. Dois excertos são significativos, nesse sentido:

Bibiana tinha crescido à sombra de Ana Terra, com a qual aprendera a fiar, a bordar, a fazer pão e doces, e principalmente a avaliar as pessoas. Depois que Ana Terra morrera, Pedro às vezes tinha a impressão de que ela continuava a falar pela boca da neta. Bibiana repetia frases da avó. [...] Bibiana via muito os homens com os olhos desconfiados e cautelosos de Ana Terra (VERÍSSIMO, 1979, p.187).

E em certos dias em que o minuano soprava, enrolada num xale e pedalando na roca (pois agora estava cada vez mais pesada não podia ir ajudar o irmão na venda) Bibiana pensava na avó, que costumava dizer-lhe que o destino das mulheres da família era fiar, chorar e esperar (VERÍSSIMO, 1979, p.257).

No capítulo “A fonte” são narradas as histórias paralelas de Pedro Missioneiro, por um lado, e, por outro, a vinda dos antepassados da família Terra para o continente de São Pedro. A proximidade com a avó certamente fez com que a personagem soubesse dos motivos da desconfiança de Ana Terra com os homens, o que o próprio filho dela desconhecia. E a impressão que Pedro Terra teve de que sua mãe depois de morta estava falando pela boca da neta somente reforça nossa hipótese. É como se, à moda

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 2 (2015)

“Cem anos de solidão” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006), os conhecimentos sobre a vida se acumulassem numa espécie de memória familiar congênita. O destino compartilhado pelas mulheres da família também corrobora com essa proposição: já que, todas elas estão fadadas a fiar (na velha roca de Henriqueta Terra), chorar (a ausência dos homens nas guerras) e esperar, uma esperança que poucas vezes foi felicidade.

As frases que Ana Terra falava e que Bibiana, no romance, acorda-se à noite e repete, de si para si, como no capítulo 3 – “O sobrado II” – são ditas a Rodrigo, no filme. Especialmente as frases de efeito de Ana Terra ganham um tom poético na voz rouca de Fernanda Montenegro. No interior do capítulo 4 – “Ana Terra” – a avó conhece o índio Pedro Missioneiro e gera o pai de Bibiana. No mesmo capítulo, após deixar a fazenda depois do ataque dos castelhanos, Ana Terra vai morar em Santa Fé, onde nascem seus netos, vive ali o restante de sua vida solitária. No lugar, tornou-se parteira, e em 1806 ajuda a por no mundo o segundo neto: Bibiana. Nesse momento, a velha parteira tem uma reação curiosa:

No inverno de 1806 Ana ajudou a trazer ao mundo seu segundo neto, uma menina que recebeu o nome de Bibiana. Ao ver-lhe o sexo, a avó resmungou: “Mais uma escrava.” E atirou a tesoura em cima da mesa num gesto de raiva e ao mesmo tempo de alegria (VERÍSSIMO, 1979, p.149).

“Mais uma escrava”, de quem? O tom dado remete ao tempo, parece que as mulheres, se eram fadadas a esperar, eram escravas do tempo. Tal aspecto é muito bem aproveitado pelo diretor do filme, que faz todo um jogo de sois nascentes e poentes, dias nascendo e morrendo que dão o tom de passagem do tempo à narrativa fílmica. No romance, as relações são mais obrigatoriamente ligadas à linguagem, mas não menos poéticas. Vejamos dois casos: “Depois daquela noite, a geada de cinco invernos branqueou o telhado da missão; e as pedras avermelhadas de sua catedral fulgiram ao sol de cinco verões mais ou menos tranquilos” (VERÍSSIMO, 1979, p.37). “E era assim que o tempo se arrastava, o sol nascia e se sumia, a lua passava por todas as fases, as estações iam e vinham, deixando sua marca nas árvores, na terra, nas coisas e nas pessoas” (VERÍSSIMO, 1979, p.114). Alguns críticos, como Leonora de Lucena, analisando apenas o filme, criticam a posição mais novelesca de Monjardim. Visto que, para ela, o intenso jogo de imagens, com o por do sol avermelhado dos

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 2 (2015)

pampas, dá um tom de romance que não seria necessário. Bem, conforme os excertos do romance acima, o primeiro deles é enunciado quase que na íntegra por Fernanda Montenegro; a visão que o autor buscou imprimir à narrativa e a que o diretor aceitou e estampou em seu filme, são muito fiéis uma à outra, neste aspecto.

No quinto capítulo do romance de Érico Veríssimo, “O sobrado III”, a velha Bibiana recebe a notícia da morte da bisneta:

No seu quarto D. Bibiana termina de comer a papa que Laurinda lhe trouxe.

- Então nasceu morta? – pergunta a velha – Essa foi feliz...

- Não diga isso, dona.

- Ué, por que não hei de dizer?

- A coitadinha...

-Morreu em boa hora. Essa não tem que trabalhar, sofrer, casar, criar filhos, e ficar esperando quando os filhos vão pra guerra. Primeiro precisam da gente, mamam nos nossos peitos, mijam no nosso colo. Depois crescem, se casam e tratam a gente como um caco velho.

- Coma mais um pouco.

-Era bonita?

-A criança? Era uma lindeza.

- Parecida com alguém da família?

- Um pouco com o pai.

- Sangue Cambará não nega... – E a velha sorri.

Laurinda tira-lhe o prato das mãos. D. Bibiana cruza os braços sob o xale e começa a se balançar na cadeira.

- O cap. Rodrigo ia gostar de ver a cara da bisneta.

(VERÍSSIMO, 1979, p.169).

A reação da velha Bibiana é muito próxima da que Ana Terra manifestou ao ver seu sexo quando nasceu, apenas o caso aqui é contrário: quando Bibiana nasceu a avó ficou triste porque ela seria mais uma escrava; aqui a bisavó festeja a morte da menina porque não terá a mesma sina das mulheres da família. Ademais, a velha lembra-se do cap. Rodrigo, outra vez, o que reforça a interpretação que Jayme Monjardim deu aos primeiros devaneios da idosa, isto é, o romance reafirma a possibilidade de sentido de que Rodrigo pode estar presente nos últimos momentos de vida de Bibiana. O texto de algum modo sustenta a interpretação da mudança de perspectiva narrativa além da mudança contextual que o ponto de vista gerou.

O capítulo 6 – Um certo capitão Rodrigo – é o maior deles, e Bibiana só não é o centro dele porque o marido, que é a novidade em Santa Fé, assume, muito mais que

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 2 (2015)

o título, o protagonismo das ações no romance. O foco narrativo no capítulo está sobre ele, em alguns momentos escorrega para Bibiana, especialmente no final do capítulo. É no interior dele que inicia a história de amor entre Rodrigo Cambará e Bibiana Terra. No mesmo é que são contadas as histórias paralelas de Rodrigo em suas guerras, em suas aventuras com outras mulheres, nascem seus filhos, uma delas morre, e o Capitão é morto na casa dos Amaral. Ressaltamos, aqui, a fidelidade dos diálogos do filme com aqueles do romance. A concepção da personagem de Rodrigo só não é perfeita porque não são mostrados os vícios dele, além da jogatina. Rodrigo teve várias mulheres enquanto foi casado com Bibiana, o filme faz esse recorte particular. Apontamos tal fato como uma das consequências da mudança do narrador, já que, por mais que Bibiana soubesse o que o marido fazia das suas andanças, não contou isso. O foco narrativo é diferente: Bibiana foi levada a narrar um herói, não um homem com defeitos como ele de fato era, conforme o romance comprova.

O capítulo sete – “O sobrado IV” – narra o fim do primeiro tomo do romance¹². Nele, a velha Bibiana é apenas mencionada. No entanto, faz-se uma menção que foi aprofundada por Monjardim em seu filme. Maria Valéria – irmã da esposa de Licurgo – reflete sobre a situação do sobrado e sua conclusão é que se o cerco continuar, mais cadáveres se juntarão ao da menina recém-nascida. Um deles será o da velha Bibiana. Neste sentido, vemos a cena do filme que contrasta a velha Bibiana - toda de branco saindo de seu quarto, após o final do cerco (o que não ocorre no tomo um do romance) descendo as escadarias do sobrado – lá embaixo, ela transformou-se na menina de vinte e dois anos que enfeitiçou Rodrigo Cambará e o fez “sentar praça”. A moça encontra o esposo próximo à fogueira, no centro da cidade, eles se abraçam e saem a cavalo. Uma cena muito romantizada, no entanto bastante bonita.

3. CONCLUSÃO

Por fim, buscamos fundamentar nossa hipótese comparativa em excertos do romance e do filme, buscando através das pistas que ambos fornecem uma compreensão para a mudança de perspectiva, de um narrador onisciente para uma

¹² Nossa comparação entre o livro e o filme se encerra por aqui, não nos aprofundamos na leitura do segundo tomo do romance, o que, quem sabe, seria importante, mas em um futuro trabalho sobre as obras.

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 2 (2015)

narradora personagem. Acreditamos na fidelidade com as constatações de Reis e Lopes (1996) a respeito das proximidades e das semelhanças entre o discurso literário e o discurso fílmico. É significativo afirmar que esta mudança gerou sentidos diferentes em cada obra; o caso dos defeitos de Rodrigo, por exemplo, não são explorados por Bibiana, quando ela é a narradora. Pensamos que o filme irá formar muitos leitores de Érico Veríssimo, o que é muito bom, se entendermos que ambas as obras, romance e filme, têm finalidades distintas, embora uma leva a cabo a outra ou se apropria dela, e que respondem às necessidades destes sujeitos que as consomem. Portanto, fazemos as seguintes considerações gerais e finais: o filme de Jayme Monjardim é, de fato, um hino aos pampas; reflete a construção de herói do gaúcho (a data de estreia do filme foi 20 de setembro de 2013) bem ancorada em fins econômicos, já que tinha como meta este sentimento de separatismo dos gaúchos que é (re)alimentado no mês de setembro, ano após ano; as cenas curtas podem de fato empobrecer a proximidade com o público, e nisto concordamos com a crítica; a calma de Fernanda Montenegro e sua maestria em cena dão um ar de grandeza que a obra de Érico Veríssimo merece; o respeito a algumas falas de personagens e as frases de efeito tornam, ainda que romanceada, uma adaptação muito bem projetada de “O tempo e o vento”.

Enfim, nos permitimos reproduzir a epígrafe do livro “O continente I”, que serviu ao diretor como epílogo da narrativa, sendo proferida pela voz da narradora enquanto o casal Bibiana e Rodrigo Cambará se distanciam de Santa Fé ao passo do zaino¹³ do capitão:

Uma geração vai, e outra geração vem; porém a terra para sempre permanece. E nasce o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu lugar donde nasceu. O vento vai para o sul, e faz o seu giro para o norte; continuamente vai girando o vento, e volta fazendo seus circuitos.
(ECLESIASTES – 1,4,5,6)

¹³ O termo refere-se à pelagem do cavalo que as personagens do filme iam montadas.

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 2 (2015)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. (espaço simples entre linhas de uma mesma bibliografia, ver abaixo)

COUTINHO, Eduardo, CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. **Cem anos de solidão**. Tradução de Zagury, E. Ilustrações de Carybé. – 60ª Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2006. (ed.)

MONJARDIM, Jayme. **“O tempo e o vento”**. Brasil, 2012. 121’. Prod.: Rita Buzzar. Distribuição: Downtown Filmes.Globo Filmes: 2013

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Narratologia**. 6ª.ed. Coimbra: Almedina, 1996. (p. 57-62)

VERÍSSIMO, Érico. **“O tempo e o vento” I - O continente – primeiro tomo**. Porto Alegre: Editora Globo, 1978.

Sites consultados:

LUCENA, Eleonora de. **Crítica: longa o “O tempo e o vento” abusa de tom novelesco**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/09/1347908-critica-longa-o-tempo-e-o-vento-abusa-de-tom-novelesco.shtml> Acesso: 24/08/2014.

QUEIROZ, Monique. **Resenha: “O tempo e o vento” (2013)**. Disponível em: <http://www.cinemadetalhado.com.br/2013/09/resenha-do-filme-o-tempo-e-o-vento-2013.html> Acesso: 24/08/2014.

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 2 (2015)

CANAVARROS, Tiago. **“O tempo e o vento”, resenha e trailer.** Disponível em:
<http://cartazdacultura.com/2013/09/26/o-tempo-e-o-vento-resenha-e-trailer-do-filme/> Acesso:
24/08/2014.

Artigo recebido em 02/05/2015

Artigo aceito em 03/03/2016